

# **A DESVALORIZAÇÃO DA LINGUA MATERNA NO ENSINO TRADICIONAL**

**MEDEIROS, Sabrina Silva.**

**MEIRELLES, Claudia de Souza Cardoso. (Orientadora)**  
Graduada em Letras, Especialista em Metodologia do Ensino de Língua  
Portuguesa, Prof<sup>ª</sup>. do Curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes –  
UNIT.  
Meirelles.claudia@terra.com.br

## **RESUMO**

Este artigo vai expor como a língua materna, algo que obtemos a partir do nosso nascimento é desvalorizada e desprezada pelo ensino tradicional que, só valoriza o dialeto padrão, pois este acha que o mesmo é ideal e adequado para o indivíduo ascender socialmente.

No entanto, a concepção tradicional não percebe (ou não faz questão de perceber) que as variações lingüísticas existem, ou seja, ninguém fala apenas uma única língua, porque, cada pessoa em que mora em regiões diferentes tende a falar de acordo com o lugar que reside.

Infelizmente a escola não compreende isso e tenta impor uma linguagem única achando que o indivíduo não sabe falar corretamente a sua língua e, por isso estigmatiza o mesmo sem levar em consideração que se o mesmo não fala como a sociedade exige é por que não teve a oportunidade de ter a instrução necessária.

As variações lingüísticas são de cunho real e positivo, não será desprezando-as e desvalorizando-as quem as usa, que a escola fará um trabalho prazeroso no ensino. As pessoas falam como quer e sabem, ou seja, não irão mudar só por que a escola ou a sociedade quer.

Se a escola pensar bem nessa questão, o indivíduo poderia através da linguagem ter o acesso a outras formas de interação lingüística que a sua linguagem poderia ser vinculada a determinadas situações estas só poderiam ser entendidas por aqueles que fizessem parte da mesma.

Portanto é necessário que o professor de língua possua uma sólida formação no que diz respeito às variações lingüísticas, ou seja, este bem capacitado e tendo curiosidade sobre o assunto, poderá desempenhar um bom trabalho em sala de aula e libertar os alunos do “cárcere lingüístico” que vivem.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Língua materna – Escola – Variações lingüísticas

## **INTERAÇÃO LINGÜÍSTICA: INDIVÍDUO / MUNDO**

A partir do momento que o indivíduo nasce, traz consigo um instrumento precioso que usará pelo resto da vida: a língua, pois, é ela que vai definir a identidade individual e social do mesmo.

O indivíduo começa a desenvolver suas atividades lingüísticas na primeira infância, ou seja, no seio familiar quando se comunica com as pessoas por meio de palavras; palavras que o mesmo quando pequeno os pronuncia por meio de balbúrcias. Mas não é só no convívio familiar que, este sujeito irá desenvolver sua linguagem, pois, para ficar mais presente, o indivíduo precisa estar interagindo a todo o momento em outros ambientes.

O primeiro deles será a escola porque o ingresso nessa instituição leva o indivíduo a experimentar situações lingüísticas distintas das quais convive com sua família. Ao inteseparar-se com seus pais este indivíduo vai preparar-se para interagir lingüísticamente com outras pessoas e conviver com diferentes formas de falar porque:

A língua falada é um tesouro onde é possível encontrar coisas muito antigas, conservadas ao longo dos séculos, e também muitas inovações, resultantes das transformações inevitáveis por que passa tudo o que é humano – e nada mais do que é a língua. (BAGNO, 2004, p.24)

A necessidade da comunicação nunca irá cessar, pois, quando o ser humano começa a interagir num ambiente totalmente lingüístico com várias pessoas, estará preparado para manejar sua língua com clareza e objetividade “criando” suas próprias regras para encontrar-se no mundo de um ambiente lingüístico favorável onde todos se comuniquem assiduamente, provocando no mesmo confiança e segurança.

Pode-se dizer então, que é na interação com o mundo que o cerca, que uma pessoa utilizará sua linguagem para falar, entrar em contato com a sua aprendizagem, desenvolver opiniões a respeito de determinados assuntos e expor suas emoções e pensamentos.

A língua faz parte do nosso ser e da nossa existência e com ela também está presente a história da nossa vida, pois a mesma não é uma “ilusão”, ela é tão real e concreta que precisa ser respeitada e preservada, só assim, essa capacidade lingüística que todos possuem poderá resultar num bom convívio com todos que a cercam.

Mas, segundo a concepção tradicional que insiste na idéia de que para o individuo ascender linguisticamente, precisa utilizar o dialeto padrão, não percebe que as variedades lingüísticas existem, ou seja, ninguém fala apenas uma única língua como afirma Possenti: “Alguns sonham com a língua única, uniforme. Só pode ser por mania repressiva ou medo da variedade, que é uma das melhores coisas que a humanidade inventou.” (POSSENTI, 1996, p. 36).

A escola tem por função trabalhar as variedades lingüísticas de cada um principalmente daqueles alunos das classes populares. Sabe-se que eles são rejeitados pela escola, por não falarem o dialeto padrão já que a própria escola exige o mesmo que considera a linguagem verdadeira. Isso decorre devido à valorização das idéias da classe dominante, pois o aluno que é da classe popular, irá sentir-se estigmatizado sem nenhuma perspectiva de futuro.

A escola precisa levar em consideração que o individuo já “sabe” a sua língua, cabendo a ela, utilizar meios para fazer que se desenvolva melhor praticando-a em outros níveis. Portanto, indivíduos capazes de interagir e estar no mundo em que vivem poderão usufruir sua linguagem livremente sem sentir-se constrangidos ou obrigados a utilizá-la.

A língua materna é um objeto de estudo, reflexão e questionamento. A curiosidade de saber como o ser humano aprende a falar leva a refletir que isso acontece devido às habilidades e variedades lingüísticas de cada um.

Um sistema de regras é internalizado pelos falantes na infância e é esse sistema que constitui a gramática verdadeira da língua, esse sistema lingüístico é sempre completo, pois, uma criança com cinco ou seis anos e até pessoas sem escolaridade, domina totalmente essa língua.

A linguagem se internaliza quando o individuo começa a ter conhecimento do mundo e age sobre ele, isto é: “A internalização é realizada através da abreviação da fala social interativa em fala audível para si mesmo, ou fala privada e por fim, em fala silenciosa para si mesmo”. (FRAWLEY, 2000, p. 96).

O individuo começa a formular sua linguagem a partir de hipóteses as quais o mesmo irá formá-las aos poucos. Um exemplo disso é o caso dos verbos regulares fazer e trazer. O mesmo, que já internalizou as suas regras irá falar “fazi” e “trazi” igualando aos verbos fazer e trazer pois, a criança começa a associar essas formas regulares na sua fala.

Infelizmente a escola não leva isso em conta, não considera que todo falante “sabe” a sua língua só precisa praticá-la e desenvolvê-la em outros momentos e situações. Mas se a escola age dessa forma é porque não foi e não está acostumada a analisar cuidadosamente a internalização da linguagem, por isso obriga o aluno a lidar com formas arcaicas deixando de expor o valor que a “sua língua” possui.

A língua está mudando, pois, num determinado grupo social os seus componentes falam diferentes não existindo uma língua melhor ou pior. Só as variações lingüísticas que são produzidas de acordo com o lugar em que o individuo esta inserido e a mesma coisa afirma Bagno em Preconceito Lingüístico:

Não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade lingüística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. (BAGNO, 1999, p. 47).

A língua materna é algo que adquirimos desde o nascimento, essa é um conjunto de regras as quais o falante possui domínio. No decorrer dos anos, estudiosos procuraram compreender porque a língua que o falante possui é tão desvalorizada e “pisoteada” pela escola. Segundo alguns, a escola não valoriza a linguagem do individuo porque só está preocupada em ensinar os conteúdos gramáticos e o dialeto padrão, não exercendo seu papel adequado: o de explorar a linguagem que o individuo já trás consigo.

A escola não dá importância para isso, acha “errado” e cabe a ela ensiná-los a linguagem padrão, a linguagem que fará com que eles ascendam na sociedade, mas agindo dessa forma, a escola tende a “criar” indivíduos que tenham vergonha de se expressar, ou seja, exibir a sua linguagem, expor por meios de suas palavras o que pensa do mundo, das pessoas e dos seus sentimentos.

Essa instituição precisa formar indivíduos críticos, pensantes e questionadores e isso só poderá ocorrer, se a linguagem destes começar a ser explorada e valorizada na escola porque o papel que a escola precisa exercer sobre o individuo é muito discutido, pois ressalta-se que a mesma não serve só para ensinar conteúdos mas também para combater a desigualdade social e principalmente fazer com que este tenha sua liberdade de expressão, use a sua linguagem para se “descobrir” e estar no mundo.

Todavia, na verdade isso são apenas teorias que são explicitas ou que simplesmente estão no papel, mas na vivência, isso é completamente diferente. A escola não está preparada para compreender que a língua materna é natural, completa e que o individuo formula suas regras lingüísticas a partir de frases ouvidas.

No entanto, esta tem-se mostrado “impotente” para educar seus alunos linguisticamente e essa impotência gera o fracasso lingüístico, ou seja, um conflito entre a linguagem que prioriza os ideais da classe dominante onde os padrões são mais

elevados e exigidos pela mesma; já a linguagem das camadas populares é desvalorizada devido aos seus “erros” de pronúncia e semântica como “craro” – claro / “nóis vai” – nós vamos etc.

Esse conceito é resultado de um preconceito próprio das camadas privilegiadas onde a linguagem é considerada “melhor” e “adequada” no entanto, não se deve a fatores lingüísticos e sim a fatores sociais. Os indivíduos que não falam o dialeto padrão serão julgados como pessoas “ignorantes”, sem nenhuma crítica e moral devido a sua fala que será considerada “ilógica”, “incorreta” e “ilegítima”.

A escola precisa preparar-se para compreender que a linguagem é inata do ser humano e deveria orientar os seus professores de língua discutir com seus alunos que todos os dialetos são iguais, válidos, corretos e que não há razão para falante nenhum ter vergonha da sua língua por que: “No dia em que as escolas se derem conta de que estão ensinando aos alunos o que eles já sabem, e que é em grande parte por isso que falta tempo para ensinar o que não sabem, poderia ocorrer uma verdadeira revolução”. (POSSENTI, 1998, p. 32).

Nascemos programados para falar. Falamos utilizando conceitos básicos para poder nos comunicar – a língua materna é inata, o indivíduo a constrói naturalmente, porque depois que ele forma suas teorias já “sabe” o que é frase, coordenação vai construindo palavras ou frases simples sem um saber imediato.

O prestígio da linguagem “verdadeira” e “lógica” pela escola ocorre porque:

nas camadas populares a interação verbal criança – mãe é empobrecedora: a criança não é incentivada a expressar-se verbalmente; os estímulos verbais são precários e desorganizados; a mãe não conversa com a criança e o estilo de comunicação não propicia a reflexão e a abstração. (SOARES, 2001, p. 21).

É por isso, que pessoas quando ingressam na escola, sentem dificuldades na aprendizagem, porque não tiveram a chance de interagir dentro de um ambiente lingüístico favorável em que todos tenham contato com a língua padrão no dia-a-dia.

O problema poderia mudar se todos os indivíduos tivessem a oportunidade de estar em um ambiente lingüístico onde todos não falassem apenas uma linguagem restrita, mas aquela que fizesse com que não tivessem medo de expor suas atitudes, seu jeito de ser, de se comportar e de se encontrar no mundo.

A língua é um fato social, pois em uma determinada comunidade lingüística ninguém fala do mesmo jeito. Infelizmente a sociedade impõe o dialeto padrão sendo a única arma poderosa para o cidadão ascender socialmente.

O dialeto padrão é usado por todas as camadas que tenham um pouco de escolaridade, depende do momento e do lugar para fazer uso dele. É isso que a escola precisa compreender porque seja por meios de gírias ou palavras soltas que: “todo falante está mais ou menos apto a modificar sua linguagem conforme esteja em entrevista coletiva ou companhia galante”. (BAGNO, 2001, p. 152).

Aceitar que as variações lingüísticas existem não é uma tarefa fácil para a escola. No entanto, a mesma, precisa explorar mais essa questão com seus educandos, propondo atividades onde eles expressem a força da sua linguagem, refletindo que para falar bem não precisam seguir todas as regras contidas na gramática normativa, basta compreender que:

Saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola, ou saber fazer algumas análises morfológicas e sintáticas. Mais profundo do que esse conhecimento é o conhecimento (intuitivo ou inconsciente) necessário para falar efetivamente a língua. (POSSENTI, 1998, p. 30).

Para se compreender que os alunos já possuem sua linguagem a partir do momento em que nasce, é preciso que o ensino tradicional explore a língua materna com cautela porque uma das causas de um ensino de língua mau ministrado na escola é a idéia de que o aluno não sabe a sua língua.

É por esse motivo que não só a escola como os professores de língua precisam estar preparados para descobrir que a “gramática” que o aluno traz consigo já está



internalizada, precisa também querer saber como é a sua comunidade lingüística, qual o seu meio social, se interage linguisticamente com todos a sua volta, etc.

Se a escola começar a respeitar a língua não – padrão as aulas de língua poderão ser mais proveitosas e valorizadas, pois o aluno não teria medo de se expressar ao emitir uma opinião sobre determinado assunto. Afinal, seja qual for a deficiência do aluno com relação ao dialeto padrão quando este chegar à escola é a partir daí que o professor deve olhar para o erro de forma diferente reformulando sua metodologia de ensino.

Para que isso ocorra, a escola precisa de professores competentes, confiantes e que estejam por dentro de tudo que ocorrer no campo lingüístico assim, os professores de língua saberão avaliar com clareza e consciência a linguagem desses indivíduos mostrando-lhes a magia, a emoção e o valor da linguagem que possuem.

As aulas de língua irão ficar mais práticas e interessantes se a escola valorizar a capacidade lingüística dos alunos, explorando muito a fala destes e tornando mais prazeroso o manejo deste instrumento sem precisar exagerar na formação e a classificação das palavras, análises sintáticas, conjugações de verbos e etc.

A escola precisa compreender que a língua de todo falante nativo é um meio seguro de descoberta e de organização do real; é a “líder” do pensamento que coopera na transmissão de suas experiências. A língua não é homogênea mas parece que a escola não se dá conta disso e tenta impor para os alunos um único jeito “certo” de falar todavia, ela tem que compreender que: “não há línguas simples, línguas complexas e primitivas. O que há são línguas diferentes”. (Idem, 1996, p. 26).

Infelizmente o ensino de língua nas escolas parece ter somente um objetivo: formar cidadãos capazes de falar corretamente o dialeto padrão para estes estarem inseridos na sociedade e ascenderem linguisticamente. Mas não é neste objetivo que a escola precisa estar centrada. Primeiro, ela tem que se preocupar com a formação do

professor de língua e nas contribuições que este tem a oferecer na educação lingüística dos indivíduos.

Todavia, em vez de estigmatizar a linguagem dos alunos das camadas populares, a escola tem é que a aceitar mantendo a responsabilidade e a consciência de fazer com que o ensino de língua tenha uma posição coerente e benéfica para os alunos pois:

O aluno deve se adaptar à escola, mas a escola também deve se adaptar ao aluno. Uma posição equilibrada postula que o aluno tem de aceitar a realidade social da língua da escola, e a escola tem que respeitar a (s) língua (s) do aluno. (BAGNO, 2002, p. 11)

Segundo Soares (2001, p. 49) as atividades que estigmatizam os dialetos não-padrão são, na verdade, atividades em relação as condições sociais dos que os utilizam e tem origem numa estrutura social que serve, que separa, de forma discriminativa, grupos de indivíduos em classes, em minorias étnicas, econômicas e etc.

É devido a essa atitude que a escola exige que os alunos pertencentes às camadas populares reconheçam que existe apenas um jeito “certo”, “verdadeiro” e “melhor” de se falar. No entanto, a escola não leva esses alunos a compreenderem que todas as línguas são iguais e que mudam com o tempo não explorando dos mesmos a capacidade lingüística que possuem.

O professor de língua deve compreender que a língua não é simplesmente um mero objeto dos estudos lingüísticos mas sim, um elo de ligação entre individuo / mundo fazendo com que este aprenda a estar no mundo por meio de suas interações lingüísticas que possuem com outras pessoas.

Alguns professores de língua, infelizmente, acabam se dando, conta de que o ensino da língua materna serve para alfabetizar e preparar indivíduos aptos, a se adequarem a sociedade não transmitindo para os mesmos apropriadas para sua comunicação porque:

A escola, modelada segundo as relações econômicas e sociais da sociedade capitalista, nada pode fazer contra as desigualdades; é e será impotente enquanto perdurar a estrutura de discriminações econômicas e sociais que são geradas fora delas. (SOARES, 2001, p. 71).

A escola critica a linguagem do aluno ressaltando que nela há “erros” gravíssimos que precisam ser corrigidos, todavia se a escola age dessa maneira, é porque não quer compreender que: “não existe erro em língua, o que existe é variação e mudança, e a variação e a mudança não são “acidentes de percurso”. (BAGNO, 2002, p. 71).

Essa instituição não precisa valorizar apenas e ensinar aos seus alunos regras gramaticais para eles decorarem, basta apenas, discutir os valores que cada variante lingüística possui ressaltando o preconceito sobre determinados usos da língua; conscientizando o aluno de que linguagem será sempre avaliada com pontos positivos ou negativos.

Nessa perspectiva, a escola precisa saber adequar-se e aprender a lidar com a linguagem dos alunos, isto é, respeitando a sua fala e aplicar em sala de aula principalmente nas aulas de língua atividades que desenvolvam a linguagem do aluno como: narrar suas experiências, descrever pessoas e ambientes, argumentar sobre determinadas idéias etc. Agindo dessa forma, a escola estará ajudando o indivíduo a construir a sua linguagem do seu meio social, geográfico e cultural.

A fala normal do indivíduo é em grande parte, fragmentos e inícios interrompidos que o mesmo constrói / internaliza em sua mente; o indivíduo vai “descobrir” a sua linguagem com pequenas quantidades de dados construindo assim, a sua “gramática” essencial para a sua comunicação com o mundo.

Se a escola começar a ter essa visão, a língua materna pode ser ensinada partindo daquele saber mais expressivo e comunicativo e não daquele saber postivo e artificial pois: “Língua é vida. Faz parte toda a gama de nossos comportamentos sociais como

comer, morar, vestir-se, etc. Não é uma realidade à parte, algo que se esqueça tão logo se saia da sala de aula, das provas ou concursos”. (LUFT, 2002, p. 66).

A concepção tradicional tem um pensamento ingênuo de ressaltar que a verdadeira linguagem está no dialeto padrão, e os falantes que não utilizam o mesmo, “diflamam”, “estragam” a língua. Mas o que essa concepção não sabe é que a verdadeira linguagem está na mente dos falantes, ou seja, que os mesmos já possuem um saber lingüístico, a competência da linguagem comportando um completo sistema de regras que servem para a sua comunicação.

Junto com o ensino de língua materna perpetua uma metodologia conservadora, que “massacra” a linguagem do aluno julgando-a como pobre e medíocre porque considera e valoriza a norma padrão desconhecendo os vários tipos de variedades lingüísticas que despreza e censura. É por isso que a escola faz questão de proibir a linguagem que o aluno domina com o objetivo de fazer com este esteja socializado num determinado grupo social através do dialeto padrão.

A escola tenta fazer isso sem levar em consideração não só as diferenças lingüísticas, mas também econômicas e socioculturais separando os falantes do dialeto não padrão dos falantes do dialeto padrão. Enfim, uma metodologia que acha a linguagem dos indivíduos principalmente aqueles pertencentes às camadas populares estranha, inferior e cheia de erros, pois, essa metodologia ignora totalmente a língua que o indivíduo já “sabe” como afirma Bagno no seu livro Norma Oculta:

É como se a língua não pertencesse a cada um de nós, não fizesse parte da nossa própria materialidade física, não estivesse inscrita dentro de nós – por isso ela pode ser “maltratada”, “pisoteada”, “atropelada”: a língua é vista como um outro. (BAGNO, 2003, p. 18).

Se a linguagem “verdadeira” é das classes dominantes, os alunos que pertencem a essas classes, quando chegam na escola tem plenas condições de usá-la para compreender e comunicar-se pois, foi adquirida no seu meio social onde as pessoas se

comunicam assiduamente. Ao contrário dos alunos pertencentes às camadas populares estes não adquiriram essa linguagem “verdadeira” devido à falta de oportunidade de viver em um ambiente lingüístico por isso: “A escola exige de todos os alunos que chegam a ela trazendo algo que ela mesma não se propõe dar, e que as classes dominantes podem trazer - o domínio prático da língua “legítima””. (SOARES, 2001, p. 62).

A escola limita-se a transmitir para os alunos um ensino de língua consciente e prático levando-os a crer que só existe uma maneira certa de falar considerada “verdadeira”, diferente daquela que eles falam. No entanto, não propõem atividades que valorizem a linguagem dos alunos das camadas populares fazendo com que eles percebam não só a importância da “sua linguagem” mas também conheçam e aprendam a lidar com o dialeto padrão sabendo em qual situação o mesmo deve ser empregado por isso:

É importante que o aluno, ao aprender novas formas lingüísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entendo que todas as variedades lingüísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. (BERGER, 1998, p. 82).

A nossa linguagem é um instrumento importante que serve para a comunicação não só com outras pessoas, mas também, conosco mesmo permitindo o desenvolvimento dos nossos pensamentos e emoções. Para a escola levar isso em consideração, precisa estar consciente de sua função: que é lutar contra as desigualdades sociais promovendo as camadas populares um ensino libertador onde todos conquistem o seu espaço tendo a capacidade de desenvolver seu espírito crítico e exibir a sua criatividade.

A escola deve respeitar a linguagem dos alunos e organizar sua metodologia de tal modo onde os mesmos compreendam as condições que expliquem o prestígio

atribuído a uma variedade lingüística, levando o aluno a entender o lugar que o seu dialeto vai ser ocupado e compreender os motivos por que o mesmo é estigmatizado.

Para acontecer os professores precisam ser competentes e confiantes para garantir um ensino de língua libertador, renovador e não opressor porque: “A língua é parte constitutiva da identidade individual e social da cada ser humano”. (BAGNO, 2003, p. 16).

Pode-se dizer que felizmente alguns professores de língua estão mudando a sua metodologia, ousando explorar e encontrar novos caminhos para o ensino tornar-se mais prazeroso, reflexivo e criativo. Os resultados desse trabalho é muito gratificante porque os alunos dão mais atenção as aulas de português, manejam a sua linguagem sem medo, com segurança e confiança.

A língua será sempre um saber pessoal, imediato, compartilhado com outras pessoas da comunidade lingüística, cada um cria a “sua gramática”, sua teoria lingüística individual no entanto, o que o individuo internaliza é a teoria necessária para a comunicação do seu dia-a-dia pois para isso acontecer:

A escola deve dar espaço ao maior numero possível de manifestações lingüísticas, concretizadas no maior numero possível de gêneros textuais e de variedades de língua: rurais, urbanos, orais, escritas, formais, informais, cultas, não cultas etc. (Idem, 2004, p. 59).

A língua é sempre apreendida antes do inicio da escolarização, acontece que a escola não pensa assim porque esta age como se a língua materna tivesse de ser apreendida e adquirida na escola e não em casa. E é devido a isso que a mesma não compreende que “enquanto houver gente falando uma determinada língua, ela sofrerá variação, modificações, transformações, mudanças”. (Idem, 2004, p. 157).

O dialeto padrão ensinado em sala de aula é para os alunos pertencentes da camada popular, uma “língua de outro mundo”, pois, estes estão acostumados a falar um dialeto que é considerado “errado” e ilegítimo. Portanto é preciso que a escola

abandone essa idéia de que só existe uma língua “única” e verdadeira no Brasil levando o aluno a conhecer e compreender as variedades lingüísticas que existem no nosso país.

E como diz Bagno em Preconceito Lingüístico:

O brasileiro sabe o seu português, o português do Brasil, que é a língua materna de todos que nascem e vivem aqui, enquanto os portugueses sabem o português deles. Nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas diferente um do outro e atendem às necessidades lingüísticas das comunidades que os usam, necessidades que também são diferentes! (BAGNO, 1999, p. 32).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o ensino de a língua tornar-se libertador e questionador, não só a escola e os professores de língua precisam ter consciência de que “saber” o dialeto padrão não é necessariamente “falar bonito” ou “melhor” que as outras pessoas. Basta simplesmente compreender que a língua é inata, é um processo natural o qual a mesma vai se desenvolvendo com o tempo a competência lingüística está dentro de nós resta que ela seja explorada com respeito e inteligência.

Isso acontecerá se o individuo for exposto a ato de fala pois este “lingüista” levantará e confirmará pequenas hipóteses; se estas estiverem corretas, afastará as que não servem colocando as outras no lugar até acertar. Praticará a sua fala confirmando e apreendendo regras aprendidas naturalmente, os erros e acertos vão se adequando na sua mente e a partir daí será determinado o seu dialeto correspondente.

A escola não pode ser só considerada como um local onde o individuo irá aprender a escrever e a falar corretamente, esta também, poderá ser a “casa” dos alunos na qual os mesmos terão plena liberdade e poder da sua língua inata com o seu magnífico sistema de regras porque: “A escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação lingüística”. (BERGER, 1998, p. 82).

O ensino de língua materna deve ser aquele onde o individuo vá aprendendo a falar a sua “língua” sem problemas e interrupções, pois, só cabe a ele descrever os segredos que rondam a linguagem.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico – o que é, como se faz*. 15ª edição. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Norma Oculta – língua e poder na sociedade brasileira*. 3ª edição. São Paulo, Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. 4ª edição. São Paulo, Parábola Editorial, 2001.



BERGER, Amália. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Língua Portuguesa)*. Brasília, 1998.

FRAWLEY, William. *Vygotsky e a Ciência Cognitiva: linguagem e interação das mentes social e computacional*. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 2000.

LUFT, Pedro Celso. *Língua e Liberdade. Por uma nova concepção da língua materna*. 8ª edição. São Paulo, Editora Ática, 2002.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) Ensinar Gramática na Escola*. 12ª edição. Campinas, São Paulo, Mercado de Letras, 1996.

SOARES, Magda. *Aula de Português – encontro & interação*. 17ª edição. São Paulo, Editora Ática, 2001.